



No colo, o mundo inteiro

Dissertação apresentada no Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da UFJF propõe o resgate de valores e formas para garantir, a mães e a filhos, conexão capaz de mudar a sociedade

Mônica Calderano
Repórter

Imagine um jardineiro que tem, diante de si, sua tarefa diária. Ele precisa cuidar de um jardim. Tem, dentre outras variações, duas opções evidentes: pode objetivamente podar e aguar a planta, ou executar essas ações tendo em mente as necessidades, expectativas e o bem-estar não só daquele ser vivo, como também das pessoas que por ali passam todos os dias, dando ao seu trabalho uma outra dimensão. Pode cuidar da planta para que ela cresça simplesmente ou para que, crescida, segura e plena, ela se integre ao mundo e contribua com ele. Com essa história, a doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião (PPCir) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Carolina de Carvalho Duarte Guimarães, clareia o conceito de Espiritualidade do Cuidado, cunhado pelo teólogo Leonardo Boff e ponto-chave de sua dissertação, apresentada em 2015. No trabalho “A arte de cuidar: Espiritualidade do Cuidado na relação mãe bebê”, a pesquisadora aplica o pensamento de Boff à relação mãe e filho, enfocando uma possibilidade diferenciada de conexão, capaz de trazer benefícios não só para a família, como para toda a sociedade.

“O advento da ciência foi secando o encantamento do mundo”, diz Carolina, justificando a proposta de um olhar mais espiritualizado para o nosso entorno. A despeito dos benefícios trazidos pela tecnologia, os processos e as relações dos indivíduos foram se tornando cada vez mais operacionalizados, automáticos e, de certa forma, desconectados de sua origem. “Hoje existe um processo de busca pelo resgate de sabedorias e valores essenciais. Há uma sede de valores diferenciados e uma reação ao que estamos fazendo com nosso entorno”, reforça o professor do PPCir e orientador do trabalho, Faustino Teixeira.

O cuidado, explica a pesquisadora, aparece neste contexto como elemento importante pelo fato de que dá ao ser

humano a possibilidade de agir de forma integrada, atenta e em comunhão com o outro. “Somos fruto do cuidado. Este é um dos fundamentos do humano.” E o cuidado no começo da vida tem um valor ainda maior pois é nesta etapa que se formam as bases mais sólidas de valores e potenciais do indivíduo. “A criança tem mais naturalidade, mais vulnerabilidade (do que o adulto), então é importante ajudar as pessoas a entenderem a dinâmica de crescimento, alimentada por valores essenciais”, explica Faustino.

A responsabilidade, Carolina deixa claro, não é só da mãe, embora a dissertação dela se volte para a relação materno-infantil. A missão diz respeito a todos os cuidadores que acompanham os primeiros meses de vida nova: médicos, enfermeiros e, mais recentemente, dou-las - mulheres que dão aconselhamento e assistência não médica (física, emocional, informativa etc.) a parturientes antes, durante e depois do parto.

A mãe, naturalmente, tem um papel incomparável neste processo, uma vez que apresenta, em seu próprio corpo, uma série de alterações, nascidas no processo de gestação, que a tornam apta a oferecer o cuidado. Ela, em tese, se apresenta como a “cuidadora ideal”, mas o que um bebê precisa para se desenvolver com saúde emocional, afirma a pesquisadora, é de uma pessoa que se identifique com ele e conheça suas necessidades. O cuidado operacional, típico da sociedade de hoje, precisa dar espaço ao “cuidado de holding”, teoria do psicanalista e pediatra inglês Donald Winnicott, que sugere que a criança seja tratada a partir de uma identificação devotada a ela - e não de forma mecânica. Não se trata, portanto, de realizar essa ou aquela tarefa ao cuidar da criança, mas de realizar todas as tarefas do cuidar de forma plena, conectada às necessidades do bebê, inspirando nele segurança, alegria e naturalidade. Carolina exemplifica com o relato ouvido de uma mãe que, em certa ocasião,

decidiu catar, na mão, os piolhos na cabeça da filha, antes de recorrer à medicação tradicional. “Não que não se deva medicar, conforme a necessidade de cada caso, mas existem cuidados que, na correria do dia a dia, qualificamos como desimportantes e acabamos por privilegiar mecanismos que solucionam problemas sem passar pelo contato físico.” Com esse pensamento, a pesquisadora defende a preservação, por exemplo, do tempo dedicado à brincadeira. “Quantos carinhos foram desperdiçados com o advento dos antitérmicos que desobrigam as mães e os pais de vigiar a febre fazendo compressa de álcool nas articulações para controlar a temperatura? Quantos bolos deixaram de ser batidos à mão? Quantas memórias afetivas deixarão de ser criadas por essa geração moderna de crianças conectadas mais na televisão, na internet, nos joguinhos etc. do que em interações afetivo-sociais?”

A decisão de revisitar estes valores e promover momentos de conexão tem evidente potencial para fazer bem às crianças envolvidas, uma vez que garante a transmissão de segurança - algo fundamental para o desenvolvimento emocional saudável. Mas a transformação tem mérito ainda maior: criar condições de desenvolvimento e superação para toda a sociedade. “Somos uma sociedade consumista, com valores invertidos. Sentimo-nos atacados, com medo, somos impulsivos, quase não humanos”, avalia Carolina. “E o cuidado na primeira infância é o que pode trazer segurança e permitir o surgimento de seres mais generosos, conectados com o universo e capazes de devolverem ao mundo o bem que receberam”, defende. E Faustino completa: “A proposta, quando se pensa sob a ótica da espiritualidade do cuidado, é que os dedicados à relação com as crianças possam cultivar, fortalecer e irradiar valores que a sociedade de mercado elimina ou obstrui. É um caminho de transformação muito bonito.”



Carolina Duarte: “Quantas memórias afetivas deixarão de ser criadas por essa geração moderna de crianças conectadas mais na televisão, na internet, nos joguinhos, do que em interações afetivo-sociais?”

NOVA FORMA DE NASCER

Tais experiências de conexão são possíveis - e determinantes - desde a concepção da criança até à idade adulta, mas ganham força ímpar no momento do nascimento, envolvendo não só a família,

como todos os profissionais responsáveis por assistir mãe e bebê. Por isso, a pesquisadora defende que a sociedade reveja a forma de lidar com o parto, resgatando valores ligados à sua “parcela de mistério”. “A trajetória humana passou a explicar e abandonou o espaço do sentir, do permitir, do deixar revelar. O homem e a mulher, ao falarem do nascimento,

passaram a tratar a si próprios não mais como autores do fato, mas como coadjuvantes, deixando que a tecnologia dirija seus passos.” Nosso modelo atual estaria, na visão da doutoranda, nos privando de uma experiência potente de transformação individual, familiar e social. “O emocionar que emerge do nascer em plenitude cria valores sociais humanos ligados a uma confiança primordial que contribui para a vivência espiritual ligada ao cotidiano e ao cuidado.” O processo de preparação de Carolina para a dissertação abrangeu a coleta de depoimentos e a realização de entrevistas com profissionais envolvidos no cuidado espiritualizado de mães e filhos, além de Leonardo Boff. Ao teólogo, Carolina perguntou se, para mudar o mundo, é preciso mudar a maneira de nascer. “Nosso mundo é todo automatizado. Você vê a mãe que vai dar o parto, o filho que vai nascer, vê as tecnologias e só vê isso. Não vê tudo o que vem antes, tudo que está ao redor, e então não faz as conexões. Agora as conexões existem, estão aí, você respira o ar, você toma água, você usa os instrumentos, só que não conscientiza. Quanto mais você engloba, mais holística, mais includente, mais cuidadosa fica e se sente numa espécie de sacerdócio a serviço do mistério”, ele expôs, antes de concluir. “Se tudo está ligado a tudo, tudo é uma cadeia, um pequeno elo pode transformar toda a cadeia. Não dentro de um velho paradigma, mas dentro do novo paradigma que vê todas as conexões presentes ali, então mudar a forma de nascer é mudar o mundo.”

+ MAIS

Carolina de Carvalho Duarte Guimarães

Doutoranda pelo Programa de Ciência da Religião da UFJF; especialista em Violência Doméstica contra crianças e adolescentes pela USP (2002) e em Ciência da Religião pela UFJF (2013); educadora peri-natal e doula; coordenadora de grupos de gestantes, casais grávidos e grupos de mães-bebê
<http://lattes.cnpq.br/3262094588886230>
carolina@gerando.com.br

Faustino Teixeira

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (1985), com estágio Pós-Doutoral realizado na Pontifícia Universidade Gregoriana; participou da criação dos cursos de especialização (1991), mestrado (1993) e doutorado (2000) em Ciência da Religião da UFJF, tendo sido o seu primeiro coordenador; atualmente é professor titular no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião na UFJF e pesquisador do CNPq
<http://lattes.cnpq.br/1087558442862190>
<http://fteixeira-dialogos.blogspot.com.br>
fteixeira@uai.com.br